

O PROTONARRADOR

Maria Lucia de S. Agra
Projeto Ateliê de José Lins do Rego

RESUMO - O objetivo deste estudo é desenvolver um texto teórico sobre o processo narrativo, tendo em vista a definição e a caracterização do narrador em construção, além da verificação de suas funções.

ABSTRACT - The object of this study is the development of a theoretic text about the narrative process, having in mind the definition and the characterization of the narrator in construction, besides the verification of his functions.

RÉSUMÉ - Le but de cette étude est le développement d'un texte théorique sur le procès narratif, en vu de définir et de caractériser le narrateur et de vérifier ses fonctions au moment de sa construction.

A pretensão de examinar a construção da comunicação narrativa, no prototexto de *Meus verdes anos*, de José Lins do Rego, trouxe consigo a necessidade de uma base teórica sobre seus dois componentes principais, o narrador e o narratário, segundo uma perspectiva genética.

Neste texto, trataremos, apenas, da construção do narrador. Para isto, partiremos do estudo feito por Gilberto Pinheiro Passos, no Manuscrito de *Hérodias*, de Gustave Flaubert, onde o personagem da comunicação narrativa é definido como a "voz que comanda a encenação da narrativa e orienta o processo do manuscrito" e é denominado de "protonarrador"¹.

O protonarrador pode ser visto como a voz que orienta sua própria construção, considerando-se que este processo ocorre em simultaneidade com a produção da narrativa. Como afirma Roland Barthes, "a voz é próprio signo do inomeado, aquilo que nasce ou resta do homem se lhe tirarmos a materialidade do corpo"², portanto, a voz narrativa, sem ter um suporte físico, corporal, só se realiza pela narração. Sendo assim, se a narrativa está em construção, o protonarrador, que é a voz responsável pela orientação deste processo, também estará sendo construído e, portanto, não deve ser confundido com o autor.

Segundo Umberto Eco, o problema do autor "é construir o mundo, as palavras virão quase por si só"³. Esta afirmação se deve ao fato de que o autor precisa adquirir, previamente, uma bagagem pessoal de conhecimentos que devem ser utilizados em seu trabalho de escritura. Porém, as palavras não surgem do silêncio, "por si sós" como afirma Eco, mas, do diálogo

entre os conhecimentos adquiridos pelo autor e o trabalho de seleção e organização desempenhado pelo protonarrador, enquanto orienta o processo da narrativa. Este diálogo é o momento de passagem, em que, conforme Gilberto Pinheiro Passos, os dados adquiridos pelo autor tornam-se elementos literários, fazendo parte integrante do jogo verbal da obra⁴ e, portanto, pertencentes ao protonarrador. Daí, compreendermos quando Auster diz que "escrever um livro é quase como trabalho do ator, você se torna alguém e tudo passa a emanar desse protagonista central"⁵, pois, é a partir da orientação dada pelo protonarrador que o mundo possível começa a se delinear, usando, para tanto, elementos pertencentes ao mundo real, mundo do autor, não para copiá-los, mas para recriá-los. Vejamos, então, como podemos analisar o protonarrador, elemento chave para esse estudo.

Observando a teoria linguística da enunciação, proposta por Benveniste, veremos que a enunciação é definida como sendo "o processo de pôr a língua em funcionamento por um ato individual de utilização"⁶ e ainda, que este "ato individual de apropriação da língua introduz o que fala"⁷. Todavia, a instância produtiva do discurso narrativo é a narração, o que nos traz de volta à teoria da narrativa. Desta forma, o protonarrador estará pondo a linguagem em funcionamento de um modo particular, pois esta é utilizada de acordo com a cultura manifestada por este ser. Assim, devemos considerar o protonarrador, segundo as marcas que deixa, enquanto produz o discurso narrativo.

Enquanto produz o discurso narrativo, o protonarrador está orientando o processo de escritura

do manuscrito, onde podemos encontrar as marcas de sua produção. Estas marcas surgem, quando, tentando compor seu discurso, o protonarrador seleciona os elementos que devem permanecer, ser retirados ou acrescentados e rearranja-os no discurso. No manuscrito de *Meus verdes anos*, podemos constatar esse procedimento do protonarrador em vários momentos do processo. Um exemplo disso é o instante em que é feita a descrição da sala de visitas da casa-grande do engenho Corredor.

A sala de visitas com duas mobílias. Pelo chão as escarradeiras de louça todas pintadas, e nos cantos os [aparad] [<aparadores>] <consolos> com os candieiros bojudos de mangas de vidro e aparatos de louça colorida. (Pt., f.8)

Arrumando o corpo da narrativa, o protonarrador, em seu trabalho de seleção, busca no léxico da língua portuguesa a forma adequada para designar uma das peças da mobília usada na sala de visitas que descreve. Para tanto, ele submete dois termos à prova. O primeiro desses termos, *aparadores*, manifesta a dúvida do protonarrador, quanto a sua adequação ao contexto, pois, o termo foi parcialmente escrito, *aparad*, e retirado, para ser novamente, e desta vez inteiramente, escrito, nas entrelinhas, sobreposto à rasura. Porém, foi novamente retirado e substituído pelo segundo termo, *consolos*, também nas entrelinhas. Esta substituição ocorre porque o termo *aparadores* não caberia no corpo da descrição, por se tratar de móveis utilizados em salas de jantar, onde se colocam os alimentos antes

de servir a refeição; enquanto **consolos** são móveis que integram a mobília da sala de visita, onde se colocam ornamentos⁸. Eis o que justifica a decisão do protonarrador pelo segundo termo. Analisando os procedimentos do protonarrador neste trecho, observamos duas de suas características: a hesitação e a experimentação, o que nos leva a acreditar na necessidade de um estudo destes e dos demais caracteres próprios do protonarrador⁹, para que possamos examinar com precisão seus procedimentos.

A hesitação é a característica do protonarrador que podemos observar quando ele, num mesmo trecho, usa um termo, retira-o, em seguida, torna a usá-lo, manifestando, assim sua dúvida quanto à real necessidade deste termo, no conjunto do discurso. Esta característica pode ser exemplificada no trecho

(...) perdi a fala, e me deitaram na cama. A cara <do> homem [ensanguentado] <ensanguentado> e os gritos da mãe agoniada me ficaram (...)
(Pt., f.4)

onde o protonarrador vacila em usar o termo **ensanguentado**, retira-o e, logo em seguida, repõe-no nas entrelinhas.

Outra característica é a **experimentação**. No momento em que constrói seu discurso, o protonarrador faz uso de vários termos até encontrar o que melhor se enquadra no conjunto da narrativa, como no trecho a seguir:

Viu-o furando o espaço e correndo para [longe] <o mundo>. Lá se fora ele com seus cantos que me enchiam as madrugadas de asmático.

(Pt., f.245)

Como podemos observar, o protonarrador experimenta a forma de expressão, dizendo (...) **correndo para longe**, depois de retirar **longe**, (...) **correndo para o mundo**, colocando **o mundo**, semelhantes quanto à idéias de distanciamento do ponto de observação, diferem entre si no que se refere à determinação do espaço. Esta é uma substituição dialética, uma vez que um aspecto contém o outro, isto é, o conseqüente se acha contido no antecedente¹⁰. Pois, ao fazer a substituição, o protonarrador deixa permanecer, na expressão (...) **correndo para o mundo**, o mesmo aspecto de distanciamento do ponto de focalização, que havia na expressão anterior, (...) **correndo para longe**. Contudo, estas expressões se negam, concebendo-se negação dialética como resultado do autodesenvolvimento do termo **longe**, por sua superação, e não, pela descontinuidade¹¹, dando origem ao termo **mundo**. É a superação do abstrato pelo concreto, por um processo de desenvolvimento, deixando no discurso resultante algo do extinto. Deste modo, podemos observar que o protonarrador não experimenta por distinções absolutas dos termos, mas de modo que as oposições entre eles se achem vinculadas, como dois aspectos do mesmo conjunto. Assim, temos, nessa atitude do protonarrador, uma valorização da cadeia paradigmática, durante uma encenação da narrativa.

Além dessas duas características, o protonarrador possui, ainda, mais quatro, relacionadas às atitudes que toma durante a orientação do processo da narrativa, que são: o retorno ao texto, a proposição, a transparência e o dinamismo¹².

O **retorno ao texto** ocorre quando o protonarrador volta ao seu discurso, já proferido, para se corrigir, acrescentar, retirar ou substituir algum termo. Agindo dessa forma, o protonarrador dá ao discurso em construção um caráter de transitoriedade permanente¹³. Podemos observar esta característica, quando lemos o trecho do manuscrito de *Meus verdes anos*.

Fui atraz do alpiste e sacudi em <no> chão.
(Pt., f.241)

onde, depois de concluir a narrativa, o protonarrador volta e corrige o discurso, colocando sobre a preposição **em**, sem retirá-la, a combinação da preposição mais o artigo definido **o**, ficando, assim, a forma **no**, pois sente a necessidade da presença do artigo na frase. Sabe-se que o protonarrador voltou depois de concluída a narrativa, porque os traços de escritura do texto e do acréscimo eram diferentes: no primeiro, o traço de escritura é grosso e escuro; no segundo, é claro e fino.

Mais uma característica é a **proposição**. O protonarrador propõe, quando busca um meio de colocar uma situação, então passa a articular as palavras até achar o modo ideal, como acontece em

Lembro-me do chão do [quart] quarto ainda com a areia para cobrir [os vomitos] [sujo] [sujo], o sujo dos vomitos.
(Pt., f.1)

Como podemos ver, o protonarrador propõe os **vômitos**, que retira e faz uma nova proposta, dessa vez nas entrelinhas, **o sujo**, retira a palavra **sujo** e, em seguida, repõe-na, para novamente retirar. Então faz sua última proposta, (...) **o sujo dos vômitos**, que segue na pauta, o que indica que houve uma parada no processo narrativo, enquanto eram feitas as propostas. Estas proposições são feitas de modo dialético, pelo protonarrador, pois a última, (...) para cobrir o sujo dos vômitos, que permaneceu, traz em si os termos das propostas anteriores, (...) **para cobrir os vômitos e (...)** **para cobrir o sujo**, que foram abandonadas. Daí, termos uma relação de rejeição/aceitação nas proposições feitas pelo protonarrador, isto é, o discurso expurgado permanece no discurso novo.

A **transparência** é uma característica do protonarrador, que pode ser vista nos momentos em que este substitui, acrescenta ou suprime algum termo, dando oportunidade, a quem analisa o processo de criação, de observar as intenções textuais. No trecho,

O meu avô dava a opinião(...)Fora na mocidade um verdadeiro pai d'égua. Tivera filhos com as negras e a mulher criara [os filhos] <as crias bastardas>.
(Pt., f.4-5)

podemos observar que o protonarrador, ao se referir aos filhos de seu avô com as negras, retira o termo os filhos, que seria um elemento sêmico favorável a estes indivíduos, pois os colocaria na mesma posição social dos demais filhos do velho José Lins com a esposa e substitui pelo sintagma, as crias, acrescido, ainda pelo qualificativo bastardas, nas entrelinhas.

O termo crias, pode assumir dois significados: filhos de animais; e pessoas que vivem na casa alheia¹⁴. No primeiro caso, nós podemos observar que, com a substituição, o protonarrador expressa o preconceito racial que o autor nutre contra os negros. No segundo, o que fica claro, com o movimento de substituição, é a falta de relação afetiva entre os protagonista e os filhos de seu avô com as negras.

O termo bastardo significa "nasceu fora do matrimônio; degenerado da espécie a que pertence; filho ilegítimo"¹⁵. No instante em que o protonarrador acrescenta esse termo às crias demonstra o preconceito moral, no que se refere à situação de ilegitimidade destes filhos do avô do protagonista.

Tendo analisado os movimentos empreendidos pelo protonarrador, nesse trecho do manuscrito de *Meus verdes anos*, pudemos constatar que ele deixa transparecer uma atitude ideológica com relação à origem negra e à condição de ilegitimidade dos filhos do avô do protagonista. Esta atitude ideológica que o protonarrador revela pertence ao autor. Pois, no momento em que este transpõe elementos do mundo real para, através do protonarrador, construir o mundo possível, utiliza a linguagem deste para "não entregar inteiramente as suas intenções e para permanecer como

que neutro"¹⁶. Mas, na tentativa de realizar suas intenções, o autor deixa marcas, que o revelam, nos movimentos do protonarrador.

A última característica do protonarrador é o seu dinamismo. Esta característica pode ser observada em todos os movimentos deste ser ficcional, que, como vimos até aqui, retoma o processo, para que possa acrescentar, substituir e retirar termos, além de remontar o texto, são estes movimentos que lhe conferem o "caráter de ser em processo permanente"¹⁷ e, portanto, um ser dinâmico.

Estes movimentos, que caracterizam o protonarrador, são empreendidos no sentido de realizar suas principais funções: orientar o processo de escritura e comandar a encenação da narrativa. Porém quando ele executa essas duas funções, outras, mais específicas, são levadas a efeito, com maior ou menor intensidade. Gérard Genette, em seu estudo sobre o narrador, levanta cinco funções deste, distribuindo-as de acordo com cada aspecto da narrativa¹⁸. Baseando-nos neste estudo, observemos quais as funções que podem ser vistas com relação ao protonarrador e como as executa.

Primeiramente, vejamos a relação que o protonarrador mantém com a história. Ao comandar a encenação da narrativa, o protonarrador estará contando os acontecimentos, pois como afirma Todorov, os acontecimentos jamais podem contar-se a si próprios; o ato de verbalização é irreduzível¹⁹. A este ato de verbalização, o protonarrador deve sua existência, pois é no ato de contar história que ele se constrói, isto é, sua realidade depende do cumprimento da função narrativa. Esta função pode ser denunciada

pelo protonarrador no próprio discurso, como podemos observar no manuscrito de *Meus verdes anos*.

(...) as águas bateram no [ileg*] <batente> da morada. O meu avô chamara carpinas e pedreiros e levantaram a casa nova.[Para mim], Com os olhos da infância sinto-a como <até hoje> me [parecia] arece. A sala de jantar de mesa comprida ladeada por duas bancas.
(Pt., f.6)

Com a substituição da expressão para mim pela expressão com os olhos da infância (...), podemos observar o protonarrador colocando-se numa posição posterior. A primeira expressão supõe a personagem, pois esta é uma narrativa em primeira pessoa, o que confundiria a posição do personagem com a do protonarrador, e o trecho anterior,

Para os meus olhos o engenho Corredor [começava] <começara> a tomar forma.
(Pt., f.6)

onde o emprego semelhante da expressão se refere ao personagem, confirma esta suposição. Enquanto isso, a expressão com os olhos da infância (...), coloca o protonarrador exercendo sua função narrativa pois, enquanto posterior, o adulto conta como sentiu na infância. Assim, temos o protonarrador em seu presente narrativo, que é confirmado pelo acréscimo de até hoje. Esta expressão conduz o sentimento no

tempo, levando da criança narrada até o protonarrador, que constrói seu passado, narrando no presente. Outra substituição que tem as mesmas características da primeira, e confirma a condição presente do protonarrador, é quando este troca (...) me parecia por (...) me parece (...), saindo, assim, do nível da narrativa, que trata da personagem num tempo pretérito, para o nível do discurso, que é construído e proferido pelo protonarrador, no presente, o tempo do ato de narrar.

No trabalho realizado pelo protonarrador, no trecho analisado, do prototexto, fica clara sua função narrativa. Contudo, não aparece apenas essa função, pois, acrescentando a expressão até hoje, o protonarrador estava atestando o "grau de precisão de suas próprias memórias"²⁰, que é uma das formas usadas pelo protonarrador para se relacionar com a história, orientando-a para si mesmo e, assim, assumindo a função que Genette chama "de testamento ou de atestação"²¹. Além dessa forma, podemos observar essa função do protonarrador de duas maneiras: Primeiramente, quando ele expressa seus sentimentos com relação a determinado episódio, como no trecho:

A cara do homem [ensanguentado] <anguentado> e os gritos da me agoniada me ficaram <para sempre>.
(Pt., f.4)

Ao acrescentar a expressão para sempre, o protonarrador prolonga todos os sentimentos que atacaram o protagonista quando criança, como efeito da visão da agonia dos dois seres, até o momento da

narração, tornando-os vivos, ainda, no adulto. A outra maneira é o testemunho, quando o protonarrador indica a fonte de sua informação, como no trecho em que fala do cego Torquato, por quem tomou conhecimento dos problemas do sertão e da existência de Antonio Silvino.

Mas Torquato também [fala] dava notícias de Antonio Silvino.
(Pt., f.28)

O protonarrador toma parte, também, na história, quando intervém direta ou indiretamente nesta. Sendo assim, não assume uma posição de testemunha, mas, uma atitude ideológica com relação aos fatos, personagens, ou qualquer aspecto ao qual se refira. Geralmente, essa função ideológica é exercida no momento em que, orientando o processo narrativo, o protonarrador substitui um termo por outro, como é exemplificado em:

O meu avô ouvia a conversa do feitor Chico Marinho, com informações sobre os serviços. Havia queixas contra moradores que não apareciam para o [tra] <eito >.
(Pt., f.64)

onde os moradores do engenho têm sua condição de empregados substituída pela de escravos. O protonarrador ao se referir à atividade exercida pelos moradores, começa a articular o que nós deduzimos ser o termo **trabalho**, pois ele apenas usa a primeira sílaba

tra, que rasura e substitui por **eito**. Esta dedução pode ser feita, se observarmos o modo dialético pelo qual os termos podem ter sido substituídos, pois deste modo, veremos que, mesmo havendo uma certa oposição entre os termos, eles se acham vinculados, sendo, portanto, dois aspectos de um mesmo conjunto²², o das atividades exercidas pelos homens. Os dois aspectos podem ser estabelecidos a partir do fato de que **trabalho** é a atividade remunerada ou assalariada e **eito** a atividade escrava²³. Isso demonstra a ideologia que marca o protonarrador, causando sua intervenção no correr do processo da narrativa, portanto, uma atitude que ocorre no presente do discurso em construção.

É no momento dessa construção que verificamos o protonarrador organizando, através de substituições, acréscimos e supressões, seu discurso, de modo a estabelecer conexões ou inter-relações exatas entre os termos e sentido do texto, além de ordenar corretamente os períodos. Executando essas articulações, ele estará, ao mesmo tempo, assumindo sua função de regente do processo de estruturação do texto narrativo, como pode ser observado em todos os trechos do prototexto de *Meus verdes anos* apresentados até agora. Todavia, para que fique bem clara esta função do protonarrador, analisemos o trecho a seguir.

No outro dia apareci com febre. Esteve mas de mez de cama. Viera João José, <farmaceutico> filho do P.José Maria, [farmaceutico] e falou com a minha tia (...)
(Pt., f.60)

O protonarrador primeiramente narra: **Viera João José, filho do P. José Maria, farmacêutico e (...)**. Observando que a colocação do termo **farmacêutico** nessa ordem tornaria a frase ambígua, pois poderia o termo se relacionar às duas pessoas narradas, ele o rasura e transfere-o, colocando-o depois do primeiro nome que é o da pessoa a quem o adjetivo profissionalizante se refere, ficando o texto: **Viera João José, farmacêutico, filho do P. José Maria, (...)**. Desta forma, o protonarrador ordenou o período evitando a ambiguidade de modo a determinar o sentido do texto. Ao agir dessa maneira, o protonarrador demonstra sua preocupação com a situação narrativa, pois a partir do instante em que se propõe a narrar, ele procura estabelecer um contato com seu destinatário, o protonarratário. Portanto, quando observa a forma como foi colocado o termo **farmacêutico**, o protonarrador está verificando como se dará o contato com o protonarratário e, por isso, transfere o termo para a posição adequada, de forma a agir sobre esse seu destinatário, fazendo-o entender que está se referindo ao filho João José. Assim, estamos, agora, referindo-nos à função do protonarrador que mais interessa, à de comunicação.

Vimos, assim, as características e as funções da voz narrativa no momento de sua construção. Vejamos, agora, como esta voz se delinea na obra publicada, isto é, quando deixa de ser protonarrador para se tornar narrador.

Narrador: o fim de um processo

O narrador é o ser ficcional que enuncia a narrativa pela superação do protonarrador. Esta superação acontece a partir do momento em que o texto é dado por acabado, pronto. Daí não haver necessidade dos movimentos empreendidos no sentido de experimentar, propor ou selecionar.

Ao assumir a narração do texto definido, o narrador se caracteriza por sua determinação, pois, já tendo sido feita a escolha pelo protonarrador, resta ao narrador apresentá-lo como determinado, como no trecho da primeira edição de *Meus verdes anos*,

Vi-o furando o espaço e correndo para o mundo. Lá se fora ele com os cantos que enchiam de alegria as minhas madrugadas de asmático.

(p. 351 - grifo nosso)

onde o narrador narra o produto final da experimentação empreendida pelo protonarrador.

Outras características do narrador são: continuidade, pois o narrador jamais volta ao texto proferido para corrigi-lo, suprimir, acrescentar ou substituir qualquer termo de seu corpo; segurança, pois todas as palavras que usa são essenciais à significação de sua narrativa; afirmação, uma vez que o narrador, como fonte ou origem do discurso, se expressa com firmeza e precisão; e obscuridade, pois suas intenções ficam veladas, despertando suspeitas que para se confirmarem, necessitam da recorrência a uma outra

situação, onde o narrador deixe transparecer suas intenções, ou a um fator de significação pragmática que as desvele. Todavia, sua maior característica é ser um contador, pois como diz Todorov, o "narrador não fala, como fazem os protagonistas da narrativa: ele conta"²⁴.

É justamente nessa última característica que se baseia sua função essencial, a narração. O narrador não constrói a narrativa, ele apenas narra os fatos já estruturados pelo protonarrador.

Se observarmos as funções do narrador, segundo a distribuição feita por Genette, de acordo com os aspectos da narrativa²⁵, como vimos com o protonarrador, perceberemos que a distinção entre eles se encontra na função principal, isto é, o protonarrador orienta a construção enquanto narra, o narrador apenas narra. Por isto, no primeiro examinamos a função através do movimento da construção, o que não poderemos fazer na análise das funções do narrador.

A primeira função do narrador é a narrativa, que podemos observar quando, na obra publicada, este ser enuncia sua condição, como acontece em

O meu avô chamara carpinas e pedreiros para levantar uma casa capaz de resistir à cheia do rio. Ainda hoje a revejo com os olhos da infância. A sala de jantar, de mesa comprida (...)
(MVA, p.18)

quando o narrador, ao se referir ao momento em que o avô mandou construir a casa-grande do engenho, volta ao tempo do discurso, para falar de sua lembrança, o

que é marcado pela expressão temporal **ainda hoje** e o presente do verbo **rever**. Outra função ainda pode ser analisada neste trecho da obra, a função testemunhal, que dá conta da relação que o narrador mantém com a história. Neste caso, pela precisão de suas memórias, que ele atesta quando diz: **revejo com os olhos de infância**. Porém, esta função toma outras formas, como: os sentimentos que tal episódio desperta no narrador,

Fui sentindo o caminho todo coberto de flôres. Corriamos na frente dos grandes. Minava água no pé das ladeiras. Era um mundo novo que me arrebatava.
(MVA, p.85)

e um simples testemunho, quando o narrador indica a fonte de informação.

Falava-se também de um irmo de meu avô que forma morto (...) e o fato contado pela negra Generosa passara-se à boca da noite.
(MVA, p.25)

Outra função é a ideológica, quando o narrador faz intervenções a respeito da história, como em:

O branco João Miguel gostava das negras do engenho e assim tinha filhos com Avelina e Joana Gorda.
(MVA, p.41)

pois o uso do termo **branco**, qualificando João Miguel, é uma intervenção do narrador que se caracteriza preconceituoso racial. Essa intervenção ideológica pode ser provada pelo fato de ter, o narrador, descrito o personagem como **homem branco** num trecho anterior, o que torna desnecessário o uso posterior.

(...) era João Miguel, homem branco, pai de muitos filhos (...)
(MVA, p.40)

A função de regência leva em consideração o texto narrativo a quem o narrador se refere para marcar sua organização interna, como quando o narrador tenta articular o texto de forma a levar do sexo animal ao sexo humano, para demonstrar como adquiriu seus primeiros conhecimentos sobre o assunto.

Víamos ali no curral a impetuosidade dos touros em cima das vacas. A vara vermelha dos bichos à procura de se contentar. Então vai-me chegando à memória, a proporção que escrevo, a conversa dos trabalhadores (...). Falavam sempre de mulheres. Via-os quase nus no sobradinho do engenho, de brincadeiras uns com os outros e com os gestos dos touros, (...)
(MVA, p.34)

A função de comunicação se relaciona à situação narrativa, isto é, o narrador procura estabelecer e

manter um contato com o narratário, como no trecho abaixo:

A tia Maria me arrancou da cama e me levou para cima da mesa do santuário, tão pequeno era eu. Sim, tinha visto um homem em pé pegado à parede, de lenço nos queixos. Guardo até hoje a lembrança e não posso dar outro depoimento que este. Teria sido alma de verdade?
(MVA, p.46)

O uso da afirmativa **sim** é uma tentativa de confirmar a história, pelo narrador, que reforça esta confirmação ao dizer que não pode dar outro depoimento. Assim, observamos o narrador se expressando de modo a tirar a dúvida ou incredibilidade do narratário.

Notas e Referências Bibliográficas

1. PASSOS, Gilberto Pinheiro "Em busca do protonarrador no manuscrito de 'Hérodias' de Gustave Flaubert". *Anais do I Encontro de Crítica Textual: O manuscrito moderno e as edições* São Paulo, FFLCH Universidade de São Paulo, 1986 p.245
2. BARTHES, Roland *O rumor da língua* Trad. Antonio Gonçalves. Lisboa, Edições 70, s.d. p.167
3. ECO, Umberto *Pós-escrito a O Nome da Rosa* 3ª ed. Trad. Letizia Zini Antunes e Alvaro Lorencini. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985. p.22
4. PASSOS. Gilberto Pinheiro - op. cit., p.246-247

5. AUSTER, Paul Entrevista Folha de S. Paulo - Letras cad. 6.21.9.1991. p.6
6. BENVENISTE, Émile "L'appareil formel de l'enonciation", apud BARTHES, Roland op.cit., p.151
7. BENVENISTE, Émile "L'appareil formel de l'enonciation", apud. BARTHES, Roland op. cit., p.151
8. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda *Pequeno dicionário brasileiro de língua portuguesa* 11ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985
9. Gilberto Pinheiro Passos aponta seis características do protonarrador: hesitação, experimentação, proposição, transparência, retorno ao texto e dinamismo; características estas que serão analisadas neste trabalho. V. PASSOS. Gilberto Pinheiro op. cit., p.245-249.
10. LLANOS, Alfredo *Introdução à dialética* Trad. Cid Silveira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1988. p.92
11. LLANOS, Alfredo op. cit., p.218
12. PASSOS, Gilberto Pinheiro op. cit., p.245-249
13. PASSOS, Gilberto Punheiro op. cit., p.248
14. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda op. cit.
15. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda op. cit.
16. BAKHTIN, Mikhail *Questões de literatura e de estética - a teoria do romance* Trad. Aurora Fornoni Bernardino, José Ferreira Jr, Augusto Goés Jr, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo, HUCITEC, UNESP, 1988. p.119
17. PASSOS, Gilberto Pinheiro op. cit., p.248
18. GENETTE, Gérard *Discurso da narrativa* Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa, Vega, s.d. p.253-257
19. TODOROV, Tzvetan *Estruturalismo e poética* Trad. José Paulo Paes e Frederico Pessoa de Barros. 4ª ed. São Paulo, Cultrix, 1973. p.71
20. GENETTE, Gérard op. cit., p.255
21. GENETTE, Gérard op. cit., p.255
22. LLANOS, Alfredo op. cit., p.209

23. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda op. cit.
24. TODOROV, Tzvetan op. cit., p.72
25. GENETTE, Gérard op.cit., p.254-255